

Carolina Maria Barbosa de Oliveira Nogueira



**O LIVRO DE ARTISTA COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE
ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Carolina Maria Barbosa de Oliveira Nogueira

**O LIVRO DE ARTISTA COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE
ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Luis Moraes Coelho

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Maria Barbosa de Oliveira Nogueira, Carolina, 1984-

O Livro de Artista como Recurso Metodológico no Ensino de Artes Visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Carolina Maria Barbosa de Oliveira Nogueira. – 2013.

34 f.

Orientador(a): Luis Moraes Coelho

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O Livro de Artista como Recurso Metodológico no Ensino de Artes Visuais*, de autoria de Carolina Maria Barbosa de Oliveira Nogueira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Luis Moraes Coelho - Orientador

Maurício Silva Gino - EBA/UFMG

Belo Horizonte
2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Luis pela paciência e dedicação sobre todo processo de construção desta monografia. À minha família, sempre presente.

Aos meus queridos alunos do ensino fundamental e ensino médio.

Obrigada também aos profissionais do pólo UAB em Conselheiro Lafaiete e às queridas tutoras Marcella e Leticia.

Agradeço a todos que verdadeiramente estiveram ao meu lado.

RESUMO

Tendo em vista o Livro de Artista como forma de expressão artística, esta pesquisa tem por objetivo levar este recurso para a metodologia no ensino de Artes Visuais como um instrumento que possa acrescentar ao aprendizado do aluno propondo novas experimentações, enfatizando a pesquisa individual e própria de cada um.

Demonstrando em seus principais resultados, o desempenho e possíveis desenvolvimentos do aprendizado do aluno, observando esta proposta como um recurso inovador no ensino de Artes Visuais.

Para isso, parto como principal referencial teórico o professor Amir Brito Cadôr, em sua Tese de Doutorado, *Enciclopedismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual*.

Palavras-chave: Livro de Artista. Metodologia. Artes Visuais. Criação. Ensino.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig 1 : O Livro de Carne, Artur Barrio, 1978. 19
Fonte: http://www.muvi.advant.com.br/artistas/a/artur_barrio/livro_de_carne.htm
- Fig 2: Diário de Frida Kahlo (1944-45). 20
Fonte: <http://hannahsilva.wordpress.com/2013/05/22/what-it-says-on-the-tin/o-diario-de-frida-kahlo-the-diary-of-frida-kahlo-11/>
- Fig 3: Diário de Frida Kahlo (1944-45). 20
Fonte: <http://hannahsilva.wordpress.com/2013/05/22/what-it-says-on-the-tin/o-diario-de-frida-kahlo-the-diary-of-frida-kahlo-11/>
- Fig 4: Diário de Frida Kahlo (1944-45). 20
Fonte: <http://atocomtexto.blogspot.com.br/2010/01/frida-kahlo-seus-jornais-intimos.html>
- Fig 5: Trabalho do aluno da Escola Municipal Marinho Fernandes – Conselheiro Lafaiete/MG (2013) 25
Fonte: arquivo pessoal
- Fig 6: Trabalho do aluno da Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013) 26
Fonte: arquivo pessoal
- Fig 7: Trabalho do aluno da Escola Municipal Marinho Fernandes – Conselheiro Lafaiete/MG (2013) 27
Fonte: arquivo pessoal
- Fig 8: Trabalho do aluno da Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013) 27
Fonte: arquivo pessoal

SUMÁRIO

Lista de imagens.....	7
Introdução.....	9
Capítulo 1: O livro como objeto de arte.....	11
Capítulo 2: Construindo um processo criativo.....	17
Capítulo 3: Observações sobre a proposta aplicada.....	24
Conclusão.....	29
Referências.....	31
Anexos.....	32

Introdução

No universo artístico, apresentam-se como Livros de Artista ou Diários de Artista suportes no formato de livros e/ou cadernos usados pelos artistas para desenvolver suas pesquisas, seus esboços, seus projetos.

O Livro de Artista funciona como uma espécie de ensaio visual ou diário gráfico, contendo mistos de desenhos, rabiscos e letras – formando ou não palavras – muitas vezes apresentando colagens, pinturas, fotografias, sobreposições. São objetos híbridos com indiscutível vivacidade.

Tendo em vista esta forma de expressão artística, esta proposta trata de levar o livro de artista para a metodologia do ensino de artes visuais como um instrumento que possa acrescentar ao aluno propondo novas experimentações enfatizando a pesquisa individual e própria de cada um. Tendo como intuito propor ao aluno a criação de seu diário gráfico como espaço pessoal de exercício de criatividade e experimentações desenvolvendo uma linguagem artística, criando seu próprio livro de artista no período de seis meses com anotações textuais e plásticas de seu interesse.

Trazendo para a sala de aula uma proposta considerada a princípio como um produto secundário, por se tratar de anotações e rascunhos, e transformá-la em um trabalho artístico.

Longe de ser produto de uma contemporaneidade artística, poderíamos traçar parentescos para essa prática através da História da Arte de maneira transversal ao longo de vários séculos. O livro ou diário de artista não é um objeto novo, artistas como Leonardo da Vinci que, em *Códices de Leonardo da Vinci* (entre 1470 e 1519), já fazia suas anotações como preparação para um projeto futuro, experimentando diversas linguagens e materiais em composições extraordinárias para a época.

Tal suporte portátil passa a ser uma presença constante nos processos criativos, registrando cotidianos existenciais e artísticos sem tanto comprometimento formal adquirindo, muitas vezes, um caráter biográfico.

No primeiro capítulo aborda-se a história dos livros em geral, passando por vários suportes que abrigaram a escrita. Por não ser o foco da pesquisa, pouco será abordado da história da escrita, fixando a pesquisa mais no suporte que a contém. Acrescentando experiências particulares sobre o ensino de artes visuais.

No segundo capítulo, realiza-se uma abordagem mais direta ao surgimento do livro de artista, com a apresentação da proposta aos alunos e como está sendo realizada por eles.

O terceiro capítulo dedica-se à observação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, descrevendo a metodologia aplicada e apresentando resultados das análises dos trabalhos realizados com alunos do ensino fundamental e do ensino médio de escolas das redes municipal e estadual em Conselheiro Lafaiete.

Trata também de uma investigação do livro de artista como recurso educacional capaz de exercer funcionalidade e gerar informação ou novos valores culturais, mas também ponto de partida para outras investigações.

Nas considerações finais, apontam-se os reflexos e as reflexões sobre questões relacionadas com a marca deixada pela proposta do Livro de Artista, presentes nas análises realizadas ao longo do trabalho de pesquisa e sugestões possíveis para outras investigações.

CAPITULO 1: O LIVRO COMO OBJETO DE ARTE

Ao longo da história, o homem veio aprimorando, conforme suas necessidades, formas para expressar e transmitir suas ideias. Na arte e, em suas variadas manifestações, ele encontrou um território vasto para explorar novos recursos e novas experiências.

Com o caminhar dos anos, o ato de registrar essas experiências plásticas fez surgir um elemento, de caráter secundário a princípio, mas pelo teor de sua plasticidade, inovação e originalidade o tornou um novo objeto artístico: os livros de artista.

Os livros ou diários de artista são coleções de informações, memórias e ideias que utilizam como suporte o formato de livros e/ou cadernos para desenvolver suas pesquisas, seus esboços, seus projetos.

Tais suportes contêm mistos de técnicas muitas vezes apresentando colagens, pinturas, fotografias e sobreposições com indiscutível vivacidade. Podem ainda ter a pretensão de um projeto futuro ou ser um espaço para experimentações sem a preocupação com erros ou acertos que mostram todo o desempenho ou possíveis desenvolvimentos da visão artística do artista.

A abordagem proposta nesta monografia contempla a inserção do livro de artista no cenário pedagógico educacional como recurso metodológico no ensino de artes visuais.

Tendo como objetivo torná-lo capaz de contribuir para o desenvolvimento de projetos educacionais que estejam em consonância com diversas linguagens e códigos artísticos. Revelando profunda contemporaneidade ao mesmo tempo em que se relaciona a diversas épocas da História da Arte.

O contexto da pesquisa se firma a partir experiências vividas em sala de aula que acabaram por definir um foco de estudos, abrangendo ainda, experiências de estudos prévios.

Ingressei no curso de Belas Artes no ano de 2001. Durante o primeiro período, na disciplina Desenho I, dirigida pela professora Maria do Céu, conheci o termo “livro de artista” pela primeira vez. Durante uma aula introdutória, a professora apresentou o livro de artista como um objeto que guarda um aspecto de profunda contemporaneidade, sendo ainda utilizado por vários artistas contemporâneos.

Em um segundo momento, foi proposto que cada aluno desenvolvesse seu próprio livro de artista. Sem formatos, quantidade ou técnicas definidas. Esta certa liberdade, a princípio muito me chamou a atenção pelo fato de inúmeras experimentações que poderiam ser feitas.

Depois da entrega deste trabalho da disciplina, passei a utilizar o livro de artista como artigo pessoal, fazendo anotações, desenhos, experimentando técnicas, sem organização alguma, apenas pelo gosto e pelo desejo de ter essas imagens gravadas com meu traço.

Olhava para os cadernos e escrevia desvairadamente sobre assuntos sem sentido, que só passariam a ter sentido posteriormente. Alguns desdobramentos destes livros resultaram em outros trabalhos, mas não todos. Em sua totalidade, percebi que este tipo de atividade está em constante desenvolvimento, não sendo efetivamente finalizado. Pois os estudos feitos sempre podem ser retomados.

De forma intencional, passei a observar meu processo criativo partindo do início, ou seja, de seu nascimento, o que possibilitou abertura de um campo mais amplo.

Para entender esse processo criativo pesquisei de forma crítica meu comportamento criador, a forma como utilizava o livro e de que forma ele contribuía para o meu crescimento artístico e pessoal.

Formei-me em pintura na Escola de Belas Artes em 2006 e ingressei na área educacional no ano de 2008, como professora designada em uma escola estadual em Conselheiro Lafaiete. Nesta escola, a disciplina de arte era aplicada para alunos do 9º ano do ensino fundamental e para os alunos do 1º ano do ensino médio, com apenas uma aula por semana.

Minha vivência quanto ao conteúdo e ensino de Artes no ensino fundamental, infelizmente, se resumiu a tarefas pouco criativas e repetitivas.

Desvalorizadas na grade curricular, as aulas dificilmente tinham continuidade ao longo do ano letivo, em larga escala, atividades de cópias sem sentido que definitivamente me privavam a liberdade de expressão e também dos outros alunos. O aluno não era considerado produtor, por isso, cabia ao professor dirigir seu trabalho para que todos desenvolvessem da mesma forma.

Com o tempo, precisamente nas últimas duas décadas, essa situação nas escolas tornou-se outra. A tendência hoje que guia a área propõe a mistura de produção, reflexão e apreciação de obras artísticas. Como defendem os próprios PCNs, é papel da escola "ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias."

Por fazer parte desta geração das "cópias" sem propósitos nas aulas de artes, me propus a fazer diferente, apresentar as linguagens artísticas no sentido de permitir o vislumbre de um fazer arte crítico. Para que os alunos fossem capazes de perceber que a experiência com essas linguagens, na escola, pode contribuir para ampliar a capacidade de dialogar, de tolerar, de conviver com a ambiguidade, de compreender a arte não apenas como apêndice para outras disciplinas ou como "inspiração momentânea", mas como disciplina reveladora de conhecimentos capazes de articular significados e valores.

Para a elaboração do roteiro de aulas, me baseei no CBC (Conteúdo Básico Comum) de Arte. E neste roteiro, inclui a elaboração do livro de artista pelos alunos.

A princípio apresentei os livros e/ou diários de artista. Expliquei sobre seu caráter de coleção de informações, memórias e ideias do artista para desenvolvimento de um projeto futuro ou para servir de um espaço para experimentações sem preocupações rígidas que mostram todo o desempenho ou possíveis desenvolvimentos da visão artística do artista.

Um diário [...] não é uma obra de arte, mas uma obra do tempo. Pode-se, portanto, afirmar que esses documentos guardam o tempo contínuo e não linear da criação.

Ao introduzir na criação essa noção de tempo, seus pesquisadores passam a lidar com a continuidade, que nos leva a estética do inacabado. (SALLES, 2004, p. 20)

Em se tratando de um diário, um espaço onde o artista fará suas anotações, um dos fatores determinantes para sua realização é o uso da memória individual.

É a memória que retém tradições e culturas antes que a escrita propriamente dita fosse inventada. Havia, no entanto, desenhos. A partir de estudos arqueológicos podemos concluir que durante muito tempo os desenhos eram parte fundamental da comunicação humana e, muito provavelmente, da construção cosmogônica de sentidos sacralizada através da magia. (GOMBRICH, 1972).

A memória desempenhou papel fundamental ao longo da história com relação à capacidade humana de criar significados e comunicação. Este artigo particular de cada um é peça fundamental para o campo experimental e visual do artista.

Registrar esses elementos, pensamentos e ideias é tornar física a intenção. Portanto, a criação artística se orienta pela memória visual se convertendo no registro visual versátil do trabalho artístico.

Para melhor exemplificar, apresentei a utilização do livro de artista ao longo da história.

Demonstrando que não é um objeto novo, artistas como Leonardo da Vinci em *Códices de Leonardo da Vinci* (entre 1470 e 1519) já faziam suas anotações como preparação para um projeto futuro, experimentando diversas linguagens e materiais em composições extraordinárias para a época.

Tal suporte portátil passa a ser uma presença constante nos processos criativos, registrando cotidianos existenciais e artísticos sem tanto comprometimento formal adquirindo, muitas vezes, um caráter biográfico.

Prática esta que será muito difundida durante a Modernidade percorrendo diversos ambientes e exercendo inúmeras funcionalidades.

O aparecimento de tais objetos como obra de arte a serem apresentados ao público pelo próprio artista ocorre a partir da *Caixa Verde* (com a documentação do processo construtivo do *Grande Vidro* ou *A noiva despida por seus celibatários, mesmo*) de Marcel Duchamp em 1934.

Depois de contextualizar o livro de artista, foi proposto aos alunos desenvolverem seus próprios livros no período de 1 bimestre (dois meses) no período escolar e também extraclasse, da forma que fosse melhor.

Durante este período, percebi que esta experiência foi muito prazerosa para os alunos, além de contribuir para maior desenvoltura nos trabalhos desenvolvidos durante as aulas.

O diário utilizado como suporte adquiriu uma significativa importância na medida em que explorou recursos visuais que foram para além da narratividade ou nela se mesclou, existindo um grande potencial nas relações entre o livro e a imagem visual, espaço em que o aluno expandiu noções sobre formas, materiais, texturas e palavras, com textos ou não.

Portanto, minha pesquisa traz à tona uma proposta marginalizada pela sua condição de produto secundário e que inserida na metodologia do ensino de artes visuais passou a poder atuar como um instrumento que oportunizou o crescimento do aluno.

A realização do livro de artista pelos alunos durante o período de seis meses, possibilitou novas experimentações enfatizando a pesquisa individual e própria de cada um, propondo um espaço pessoal de exercício de criatividade e experimentações desenvolvendo uma linguagem artística, com anotações textuais e plásticas de seu interesse.

Trazendo para a sala de aula uma proposta considerada a princípio como um produto secundário e que se transformou em um trabalho artístico. Processo que foi acompanhado desde a sua criação, observando seu desenvolvimento e finalização.

Como fonte de pesquisa e inspiração, parti da leitura da tese de doutorado do professor Amir Brito Cadôr: *Enciclopedismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual*. Neste trabalho,

Amir apresentou o estudo do enciclopedismo em livros de artista apresentando sob a forma de uma enciclopédia, que é ao mesmo tempo um manual de construção de uma Enciclopédia Visual, analisando livros de artista que pertencem ao acervo da EBA/UFMG.

Outro referencial importante para esta pesquisa foi a leitura da Apostila da disciplina Artes Gráficas: Palavra e Imagem, do IV Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, também do professor Amir Brito Cadôr. Neste material o autor trata em seu segundo capítulo sobre o Livro de Artista e o Livro Objeto contextualizando o livro de artista em diferentes épocas, utilizando por vários artistas e sua produção nos dias de hoje.

Nos capítulos posteriores, apresentarei de que forma a proposta da criação do livro de artista foi apresentada aos alunos e quais foram os principais pontos abordados.

CAPITULO 2: CONSTRUINDO UM PROCESSO CRIATIVO

Neste capítulo, apresento a inserção do livro de artista na metodologia do ensino de artes visuais com alunos do ensino fundamental e ensino médio, propondo além de um recurso inovador para o ensino escolar, a construção de seu próprio processo criativo e como seus resultados podem propor novos desdobramentos.

Diferente do cientista, que explica o mundo e os seus objetos utilizando definições e categorias, prefiro utilizar uma lista de características que auxiliem a entender o objeto de estudo sem contudo encerrá-lo em uma única definição. Mesmo porque os livros de artista não se deixam encerrar facilmente em uma simples definição. (CADÔR, 2012, p.22)

O produto de qual trato, denominado “Livro de artista” ou “Diário de Artista” constitui uma área peculiar das artes plásticas, no Brasil, embora numerosos, não são vistos regularmente.

Obras de arte que levem em consideração a forma do livro estão presentes em uma parte considerável do cenário institucional atual.

O livro como suporte adquire uma importância significativa na medida em que explora recursos visuais que vão para além de um simples processo narrativo. Há toda uma potencialidade nas inter-relações entre o livro e a visualidade.

Assim, o objetivo ao realizar este estudo, é introduzir os alunos a estas obras pouco familiares, propondo a produção de seu próprio livro de artista, proporcionando-lhe assim a oportunidade de conhecê-las e produzi-las. E através desta experiência, de acordo com os resultados apresentados, perceber se esta proposta é um eficaz recurso metodológico no ensino de Artes Visuais.

Como obra de arte é uma experiência, não uma afirmação ou resposta a uma pergunta (...) os livros de artista não ilustram a teoria, mas a teoria se desenvolve a partir das reflexões provocadas pelos livros. (CADÔR, 2012, p.19)

Ao apresentar o termo livro em sala de aula aos alunos fez-se necessário exemplificar o livro como suporte não apenas com o mero pretexto para guardar ideias, relatos, imagens, mas sim um ambiente para registro de tudo, ou de algo extremamente específico, pode ser real, ou fictício, pode inverter ideias ou propagá-las.

De acordo com Amir Britto Cadôr:

A análise das obras pode incidir sobre os objetos do conhecimento (livros, enciclopédias, dicionários); pode se esforçar para destacar os tipos de classificação usados no livro; pode se basear na imagem enciclopédica, ou seja, as metáforas do mapa, o labirinto, a árvore, a cadeia ou a rede; as obras podem assumir a forma de uma enciclopédia ou de um dicionário, ou seja, imitar a estrutura alfabética e também sua apresentação gráfica (CADÔR, 2012, p.19).

Em seguida, foi apresentada aos alunos uma pesquisa sobre a produção de Livros de Artista em vários períodos da História da Arte. Abordando suas diferentes formas de apresentação, confecção e temas.

Pontuando a presença de obras significativas por seu valor histórico e por sua representatividade, tecendo considerações sobre as tendências do livro de artista.

Neste momento foi fundamental a exposição de imagens de livros de artistas, pois os alunos puderam aproximar-se mais desta proposta.

Estabelecer um critério é classificar de alguma forma os elementos, e tal desejo de colocar cada coisa em seu lugar também aparece em livros de artista, às vezes como paródia da pretensão de objetividade das taxonomias científicas. (CADÔR, 2012, p.27).

Uma das imagens que chamou a atenção foi “O Livro de Carne”, Artur Barrio, 1978.

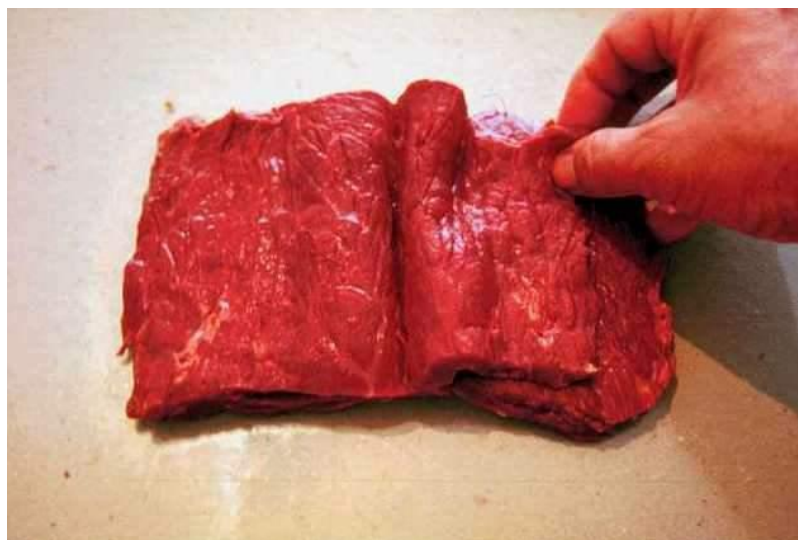
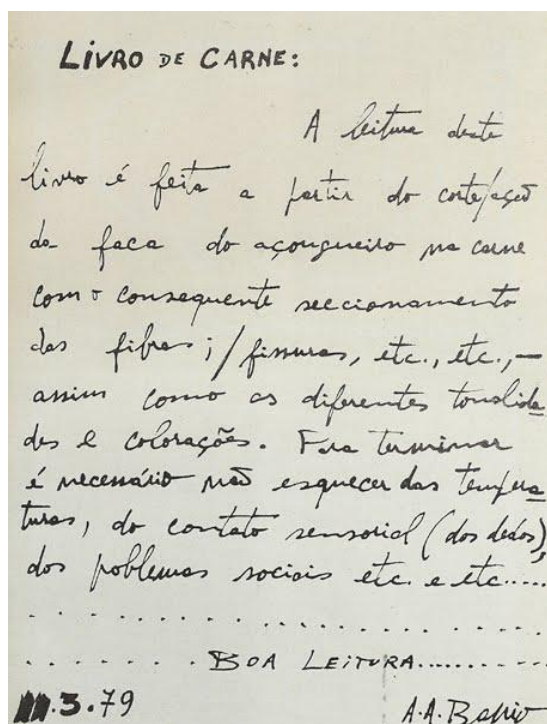


Fig.1: O Livro de Carne, Artur Barrio, 1978.

Artur Barrio propõe “O Livro de Carne” como obra que desafia nossa visão usual de como um livro parece, para o que serve e do que é feito.

Barrio utiliza a carne como metáfora de vida: precíval, vulnerável, mortal.

O artista luso-brasileiro procurou manifestar sua indignação no campo das artes plásticas, contestando o uso de materiais industrializados em detrimento da criação.

O *Livro de Carne* foi exposto pela primeira vez em 1978 e era manuseado diretamente pelos espectadores. Faz-se presente na vida do artista no início dos setenta, agressivo e contrário ao mercado de arte, pois foi inserido nos piores momentos da ditadura militar no Brasil. As linhas da

escrita podem estar representadas pelos nervos e pelas fibras e as palavras, podem ser imaginadas, sonhadas, interpretadas ou achadas.

Outra referência que despertou curiosidade nos alunos foi o diário de Frida Kahlo (1944-45).

Iniciado na década de quarenta, aos trinta e seis ou trinta e sete anos de idade, sua vida emocional havia sido, até esse momento, extraordinariamente turbulenta.



Fig. 2: Diário de Frida Kahlo (1944-45).

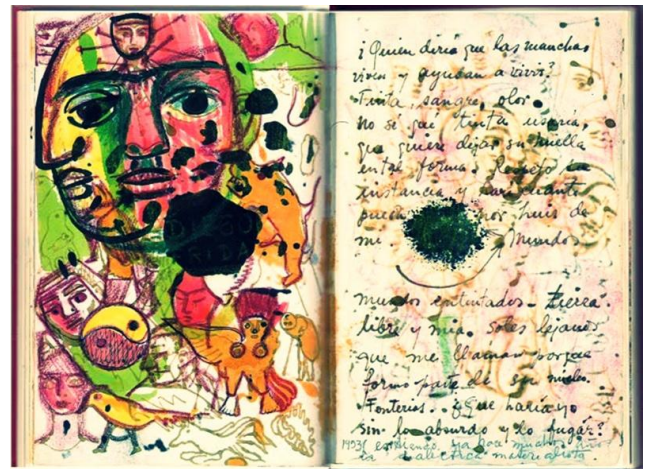


Fig. 3: Diário de Frida Kahlo (1944-45).



Fig.4: Diário de Frida Kahlo (1944-45).

A impressão que temos ao ler o diário de Frida Kahlo é de que praticamos um ato voyeurista.

Contendo a expressão mais íntima dos sentimentos da artista, cuja intenção não foi publicá-lo, trata-se de um tipo de diário íntimo, com anotações de carácter pessoal realizadas por ela.

E diferente dos outros, Frida Kahlo deixa de lado os acontecimentos cotidianos e expressa no seu diário uma marca de sentimentos (e imagens) de forma única, com certo tom vitalista, ironia e o humor negro que lhe são característicos.

Uma comparação com a história social do conhecimento permite identificar, nos livros de artista, uma prática discursiva que subverte a ordem estabelecida, questiona os critérios científicos, ao mesmo tempo que amplia o campo do que é possível ser pensado e conhecido. O uso de métodos científicos para atingir outros fins é o que permite chamar um conjunto heterogêneo de trabalhos, que tratam de diferentes campos do conhecimento, de “ciência poética”. Cada um dos livros, isoladamente, pode ser tomado como um verbete da enciclopédia visual. O livro pode ser apenas um veículo para transmitir as ideias, mas sua estrutura sequencial também pode ser utilizada para produzir novas ideias. (CADÔR, 2012, p.30)

Decorrendo destas apresentações, foi possível fomentar e estimular a reflexão dos alunos sobre a potencialidade desenvolvida pelo espaço que o livro abarca, abordando a importância e seu valor artístico e histórico.

Outra questão abordada foi a exposição ou circulação deste tipo de obra de arte.

O Livro de Artista pode ser único ou ser reproduzido. Pode ainda ser criado por meio de edições limitadas, obras artesanais em poucas dezenas de volumes. Pode ser reproduzido em série, como revista. Pode ser enviado por correio (terrestre ou eletrônico) e distribuído enquanto arte postal. Pode ser um livro escultórico, um livro objeto, ou ainda ser exposto para que pessoas possam manuseá-lo.

Após as apresentações sobre o Livro de Artista, foi feita a proposta aos alunos para a confecção de seus próprios livros onde serão explorados vários tipos de narrativas e várias linguagens poéticas (artes visuais,

poesia, literatura, dentre outras), estabelecendo um diálogo entre o desenho e as palavras, e as palavras como imagens.

Neste momento foi importante ressaltar que os alunos ficariam de posse de seus livros no período de seis meses.

Muitos alunos tiveram dúvida quanto à quantidade de imagens, tamanho e formatos do livro, sugeri, para esta primeira experiência, que fosse um diário de arte, podendo conter colagens, desenhos, textos, estudos, com bastante liberdade com materiais e técnicas. Quanto ao formato, aconselhei escolherem um suporte que não incomodasse ao ser transportado, mas que atendesse à intenção do aluno de forma satisfatória. Quanto à quantidade, não estipulei número de páginas.

A intenção de propor o Livro de Artista aos alunos como recurso metodológico no ensino de Artes Visuais pretende apresentar um espaço inovador para conceber ideias, sejam elas satisfatórias ou não, deixando a insegurança e passando a atuar livremente com sua criatividade.

Como obra de arte é uma experiência, não uma afirmação ou resposta a uma pergunta, os livros de artista não ilustram a teoria, mas a teoria se desenvolve a partir das reflexões provocadas pelos livros. (CADÔR, 2012, p.19)

Durante este período acompanhei os trabalhos observando todo o processo criativo percorrido pelos alunos para concluírem o livro de artista, observando a sua dedicação e envolvimento. Analisei os trabalhos produzidos observando o envolvimento e todo o processo percorrido pelo aluno, funcionando como recurso avaliativo.

O estudo deste trabalho almeja figurar como fomento a discussão sobre uma linguagem artística desenvolvida como interessante e enriquecedor recurso didático nas aulas de artes visuais sinalizando um território poético, não restringido ao papel e à tinta, mas incorporando todos os tipos de materiais usados pelo aluno.

No próximo capítulo, serão apresentados alguns resultados e reflexões sobre a experiência de ensino de artes visuais por meio do livro de artista.

CAPITULO 3 : OBSERVAÇÕES SOBRE A PROPOSTA APLICADA

Após todo o processo relatado até então neste trabalho, algumas considerações fazem-se necessárias, para que se possam avaliar os resultados da proposta pedagógica aplicada.

Ao desenvolver a proposta do Livro de Artista para os alunos do ensino fundamental e médio como componente avaliativo do semestre, pude observar que a princípio os alunos têm o diário como algo desafiador, não se sentindo a vontade para registrarem suas experiências temendo algum tipo de erro.

Alguns questionaram sobre formatos e temas. Foi exposto que seria de livre escolha para ambas as indagações.

Durante o período do primeiro mês em que os alunos estiveram de posse de seus diários, me dispus a apreciar o conteúdo até então produzido, para quem tivesse este interesse. Neste momento, alguns apresentaram seus trabalhos. Em parte considerável, muitos se mostraram inseguros quanto as produções feitas, se estariam certas ou boas.

Primeiramente, expliquei individualmente os pontos de cada um, e posteriormente reforcei para a turma que neste diário poderia conter experimentações, desenhos, colagens, textos autorais ou não. Que imaginassem este suporte como um espaço para conceber ideias, sejam elas satisfatórias ou não, deixando a insegurança e passando a atuar livremente com sua criatividade.

Acrescentando sobre o que foi exposto sobre a trajetória do Livro de Arte ao longo da história, articulei sobre o conceito de colecionar imagens e/ou informações como forma de acrescentar aos trabalhos.

Colecionar é reunir objetos que tenham entre si algo em comum. O valor de um objeto não é intrínseco, mas depende do lugar que ocupa na coleção, de modo que “a posse de um objeto, qualquer que seja, é sempre a um só tempo tão satisfatória e tão decepcionante: toda uma série a prolonga e a perturba” (Baudrillard, 1973, p. 95). A coleção nunca está completa, e o termo que falta é o mais

importante, é o que move o colecionador a dar continuidade. (CADÔR, 2012, p.84)

Agregar a ideia de coleção de imagens para compor os trabalhos foi uma forma de ampliar ainda mais sobre o conteúdo dos Livros de Artistas, explorando vários tipos de narrativas e várias linguagens poéticas (artes visuais, poesia, literatura, dentre outras), estabelecendo um diálogo entre o desenho e as palavras, e as palavras como imagens.

Uma coleção de imagens tem um estatuto diferente da coleção de objetos: o mundo é reduzido a apenas duas dimensões, altura e largura. Os critérios de seleção também são diferentes: um objeto pode ter seu valor definido pelo material de que é feito, pelo seu acabamento, enquanto a maioria das coleções de imagens utiliza o papel como suporte, um material muitas vezes ordinário. (CADÔR, 2012, p.84)

Durante o período em que o Livro de Artista foi proposto pude perceber que essa forma de trabalho é uma forma de criação com característica processual, que passa pelo ato do registro. Esse processo escolhido concede a liberdade da criação em arte, através dos rascunhos produzidos, por exemplo, sendo possível alcançar as possibilidades e desdobramentos de um desenho ou ideia.

Neste território das artes visuais ocupado pelos livros de artista, é possível perceber relações narrativas tradicionais lineares ou não. Como obras originais do pensamento e do gosto artístico, esses livros resguardam o direito de usar através das possibilidades de experimentação, uma narrativa visual com formas construtivas e identidades próprias como seu diferencial.

Os trabalhos foram entregues para avaliação e algumas questões valem ser ressaltadas.

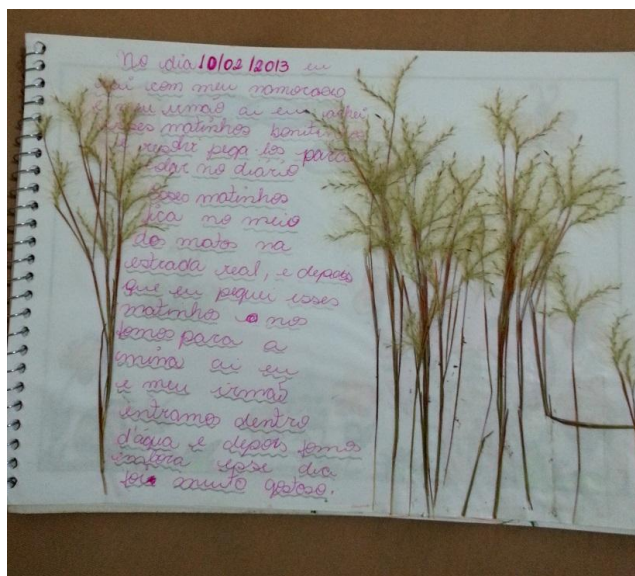


Fig. 5: Trabalho do aluno da Escola Municipal Marinho Fernandes – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)

A figura acima é parte integrante do diário apresentado por uma aluna do ensino fundamental da Escola Municipal Marinho Fernandes em Conselheiro Lafaiete/MG. Este trabalho foi composto por colagem e escrita autoral da aluna. Foi possível perceber que a aluna utilizou o suporte de caderno sem pauta e usou de materiais próximos ao seu cotidiano, reforçado na escrita onde descreve evento participado por ela. A aluna preferiu tematizar seu diário com experiências pessoais, incluindo textos e desenhos.

Como na imagem apresentada, muitos alunos optaram pelo recurso da montagem (justaposição, colagem, fotomontagem, etc.). Este é um instrumento narrativo consagrado pela arte, presente em nosso imaginário, com característica singular e muito importante. Pode se valer das ferramentas da prosa, poesia ou de outros saberes relacionados às expressões.

A narrativa visual pressupõe demonstração no tempo. Desta forma, este projeto de arte apresentado, as ilustrações, colagens, desenhos e o contexto verbal estão ligados estruturalmente, ou seja, dão sentido em conjunto. Os materiais e recursos utilizados são parte integrante das próprias ilustrações, que se fundem, assim, o texto apresentado só se faz compreender uma vez inserido nas ilustrações. Argumento interessante

para ressaltar peculiaridades da escrita diferenciada nos trabalhos apresentados pelos alunos em seus livros de artista.



Fig. 6: Trabalho do aluno da Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)

A figura acima é parte integrante do diário apresentado por um aluno do ensino médio da Escola Estadual Lopes Franco em Conselheiro Lafaiete. Neste trabalho, o aluno optou pelo desenho livre, utilizando cores, tendo como base sua criatividade e imaginação, atentando para a forma de apresentação de seu livro de artista, seguindo uma estrutura linear, de forma que os trabalhos foram ficando mais elaborados ao longo do livro.

A forma de “demonstração” do livro de artista pelos alunos apresentou soluções habituais (como a pintura, textos, desenhos, etc.), demonstrando processos em constante amadurecimento, tanto relacionado ao tema como aos recursos artísticos utilizados.



Fig. 7: Trabalho do aluno da Escola Municipal Marinho Fernandes – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)

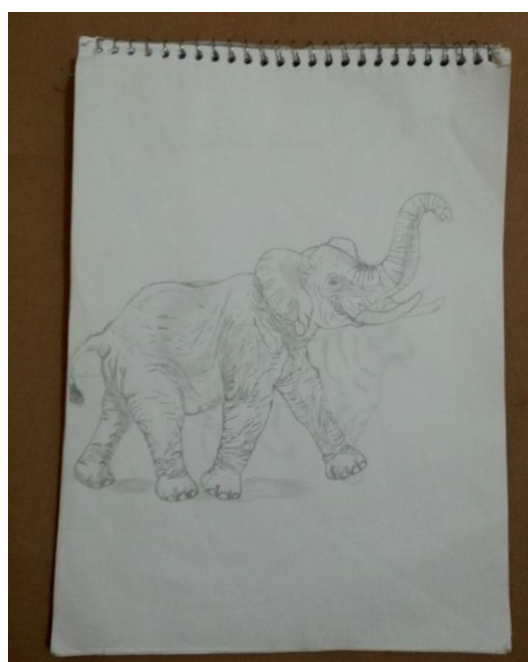


Fig. 8: Trabalho do aluno da Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)

A proposta da produção do Livro de Artista pelos alunos do ensino fundamental e médio apresentou grande aceitação por parte dos alunos.

Nos Livros apresentados pude perceber que houve um processo em sua construção. Nos trabalhos que iniciam, foi possível perceber certa insegurança, e durante seu desenvolvimento percebe-se a superação desta insegurança e mais liberdade nos traços, cores, movimentos e inserções. Outro ponto importante a ser ressaltado se deve ao fato dos alunos utilizarem os conteúdos dados em sala de aula, de artes e de outras disciplinas, de forma a acrescentar nos trabalhos do livro de artista, compondo assim seu próprio processo criativo.

De certa forma, o livro de artista ajudou ao aluno a lidar com suas incertezas, abrindo espaço para o erro não como certeza absoluta, mas como algo a ser revisitado, como forma de aprendizado e crescimento, capaz de ser desenvolvido, melhorado e acrescido.

A variedade de temas também chamou a atenção. Enquanto alguns alunos usaram o livro rabiscando aleatoriamente nele impressões, ideias e

imagens recorrentes, outros se utilizaram do livro como registro de seu trabalho, tendo o hábito de utilizá-lo diariamente, um diário de suas experiências e crescimento, tornando-se assim registro dele, companheiro de caminhada e “ouvinte” de suas confissões.

A inserção do Livro de Artista como recurso metodológico no ensino de Artes Visuais se mostrou como objeto capaz de expandir noções sobre a produção artística de cada aluno, e sobre a arte em geral. Fomentando a diversidade, permitindo e encorajando as aplicações artísticas variando entre os moldes mais simples a mais imprevisível das possibilidades.

Nele pude perceber referências, pensamentos, imagens, processos e técnicas que demonstraram cada fase do trabalho desenvolvido e do aprendizado.

O livro, que inicialmente tinha um caráter avaliativo, passou a ser ferramenta para o desenvolvimento, crescimento e aprendizado do aluno, desenvolvendo capacidades linguísticas e visuais, aptidões de solução de problemas, originalidade e coordenação motora. Com a prática do fazer, promoveu-se a criatividade, a auto expressão e a autoestima.

O resultado do desenvolvimento deste trabalho foi muito interessante como registro de um percurso não se restringindo apenas às aulas de artes, mas apontando todo o desenvolvimento do aluno como indivíduo crítico e atuante, capaz de observar e perceber o mundo a sua volta. Fomentando a discussão sobre uma linguagem artística desenvolvida como interessante e enriquecedor recurso didático nas aulas de artes visuais, não restringido ao papel e à tinta, mas incorporando todos os tipos de materiais usados pelo aluno.

As considerações e avaliação sobre este trabalho não se encerram por completo aqui. Considero esta pesquisa instrumento capaz de gerar projetos educacionais, como também material didático, em consonância com diversas linguagens e códigos artísticos.

O caráter intimista e pessoal deste tipo de produção a constitui como objeto que simboliza a dinâmica interior da criação. Objeto este para estudo, experimentação e deleite, proporcionando também uma forma avaliativa do aprendizado do aluno.

Conclusão

A pesquisa aqui realizada demonstra que muito mais que um método avaliativo no ensino escolar, o Livro de Artista como recurso metodológico no ensino de artes visuais mostra o desempenho e possíveis desenvolvimentos do aprendizado do aluno.

Não esquecendo que esse desenvolvimento resultou em um produto externo que possui muitos elementos que permitem inferir sobre condições e características internas. A parte interna diz respeito ao seu mundo, ao seu entorno, a maneira como o aluno codifica e assimila essas formas, transformando sua vida em elemento para si.

Registrar essas formas foi uma maneira de colecionar informações, memórias e ideias e fazer surgir o livro de artista próprio do aluno. Livre de conceitos como certo ou errado, bom ou ruim, embora direcionado pela orientação do professor sobre como proceder, sobre quais elementos buscar para colocar neste espaço o aluno exerceu sua criatividade, e desfrutou de uma liberdade concreta o que contribuiu para a reflexão dos processos de criação em arte.

Esses registros também operam de forma a se tornarem uma conquista da realidade e de seu ambiente.

Na metodologia do ensino de artes visuais, o diário foi uma estratégia que pôde colaborar com o desenvolvimento e o aprendizado do aluno. O ensino de Arte é um processo educativo e cultural que contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, onde são valorizados os aspectos intelectuais, morais e estéticos no ser humano.

O diário utilizado como suporte adquiriu uma significativa importância na medida em que explorou recursos visuais que vão para além de uma simples narratividade. Há um grande potencial nas relações entre o livro e a imagem visual, neste espaço o aluno expandiu suas noções sobre formas, materiais, texturas e palavras, com textos ou não. Com diversas anotações que pertencem a um fluxo espontâneo de ideias.

Como proposta metodológica, cabe ao professor estar atento e disposto a apontar novos caminhos de busca com o intuito de estimular novas investigações, buscando inovações para o melhor aprendizado do aluno. Utilizando esta proposta como um ambiente para também reforçar os conteúdos aplicados em sala com relação a cores, linhas, formas, texturas. Pode ser construído também de forma coletiva, de modo que os alunos façam suas intervenções durante um determinado período e estas sejam agrupadas em um único Livro de Artista.

Assim, o que aqui se encontra é resultado, mas, também ponto de partida para outras buscas e investigações.

REFERÊNCIAS

CADÔR, Amir Brito. *Enciclopedismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte Escola de Belas Artes /UFMG 2012.

Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/1524>

CADÔR, Amir Brito. *Perspectivas do Livro de Artista*. Belo Horizonte: EBA/UFMG, maio 2012. *PÓS*: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG.

Disponível em <<http://amirbrito.blogspot.com.br/2010/02/perspectivas-do-livro-de-artista.html>>

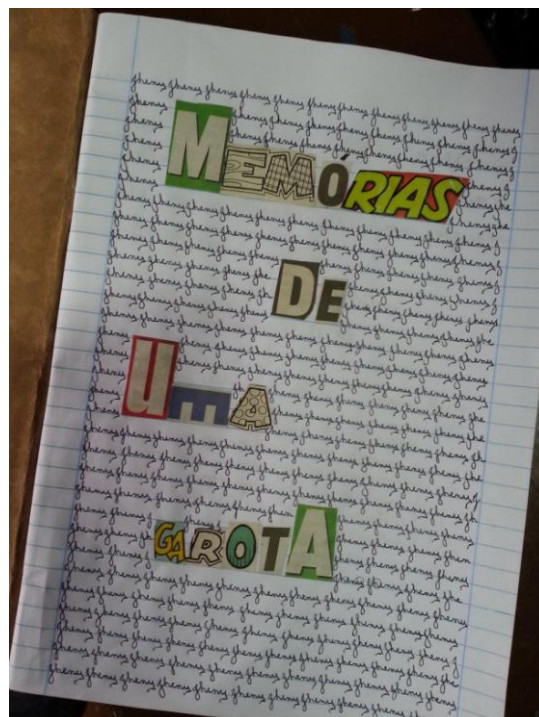
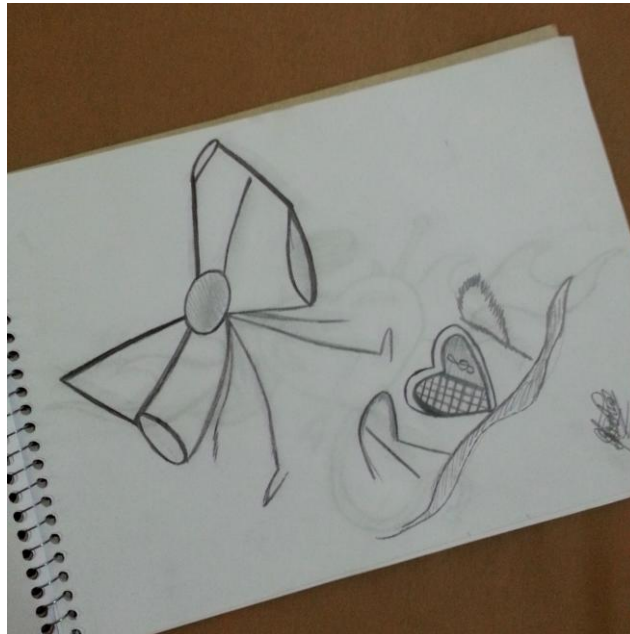
Acesso em: outubro 2012

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo, 2004. 3 ed.: FAPESB/Annablume. Disponível em: <http://www.ateliearterestauracao.com.br/resenha-salles-cecilia-almeida-gesto-inacabado-processo-de-criacao-artistica-sao-paulo-fapesp-annablume-2004/>

GOMBRICH, E.H. *História da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1972.

Anexos

ANEXO A – Imagem dos Livros de Artista de alunos do ensino médio da Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)



ANEXO B – Primeira atividade em sala de aula para compor o Livro de Artista utilizando a releitura de imagens. Ensino médio, Escola Estadual Lopes Franco – Conselheiro Lafaiete/MG (2013)

